

Roland Barthes: semiologia e cultura

Roberto Ramos

RESUMO

Dono de um belo texto, lapidado pela marca digital de sua singularidade, Roland Barthes é uma personalidade teórica paradigmática. Concedeu um estatuto à Semiologia, arranjando-lhe um objeto particular de pesquisa. Sintonzou-a com a influência crescente da Mídia, ocorrida, sobretudo, na segunda metade do século XX. A Semiologia de Barthes é povoada por traços particulares. Não se empareda no escaninho lingüístico. Reivindica outros contornos. Persegue o translingüístico. Nessa paisagem, o papel da Mídia doa-se como objeto de suas pesquisas semiológicas. No diagrama de suas limitações, o presente ensaio se agenciará nas relações entre a Semiologia barthesiana e a Mídia. Refletirá sobre algumas categorias básicas que as simbiotizam.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Semiologia. Cultura

1 Introdução

Para melhor compreendermos a Semiologia barthesiana, talvez possamos disponibilizar três categorias – conceitos classificatórios — do próprio Barthes. São Discurso, Poder e Cultura. Podem nos ensinar a transcendência aos aspectos somente imaginários, evidenciando os aspectos simbólicos em suas dimensões epistemológicas, que ajudaram a tecer as suas concepções semiológicas.

O nosso ensaio, nos limites de sua relatividade histórica, pretenderá compreender, a partir da discursividade do semiólogo, alguns elementos invariantes da Cultura de Barthes. Usaremos, para tanto, a sua Semiologia, em suas possibilidades interdisciplinares, com os seus significantes teóricos e metodológicos.

2 Semiologia Barthesiana

O semiólogo (1987, p. 12) possui uma resposta quase estereotipada para a interrogação: o que é Semiologia? “É uma aventura, quer dizer, aquilo que me acontece (o que me vem do Significante)”. Ele, na sua história pessoal, a divide em três momentos:

[...] O primeiro momento foi de admiração. A linguagem, ou para ser mais preciso, o discurso, foi o objeto constante do meu trabalho desde o meu primeiro livro, *O Grau Zero da Escrita* [...] O segundo momento foi o da Ciência, ou, pelo menos, da cientificidade. [...] Para mim, o que domina este período do meu trabalho, creio eu, é menos o projeto de fundar a Semiologia, como Ciência, que o prazer de exercer uma Sistemática [...] O terceiro momento é, com efeito, o do texto. Teciam-se discursos à minha volta, que deslocavam preconceitos, inquietavam evidências, propunham novos conceitos [...] (BARTHES, 1987, p. 12)

Na singularidade dos três momentos, parece-nos existir uma constância, com sabor de supra-espacialidade e de supratemporalidade. É uma Invariância, para melhor caracterizarmos o léxico de uma abordagem estrutural. Particulariza-se, como um dos significantes do discurso barthesiano: a Crítica ideológica, sobretudo, voltada à Mídia.

A Semiologia, em sua versão francesa, é filha do século XX. Barthes (1999),

p. 12) situa o seu nascimento, “por volta de 1956”, embalada pela influência de Saussure (1959). Caracteriza duas tarefas essenciais através da produção teórica e o desenvolvimento das práticas de pesquisa.

A fisionomia da Semiologia barthesiana parece granjear a sua especificidade singular no livro *Aula* (1996). É tecida por intermédio de duas teses significantes. São a Semiologia Negativa e Ativa, saindo delas uma concepção a respeito do signo, marcada e demarcada por uma abordagem dialética.

Na Semiologia Negativa, existe a sustentação de um caráter apofático. Nega os caracteres positivos, fixos, a-históricos do signo, desfazendo-o, como dimensão de metalinguagem e de tautologia. Há a quebra de seu sentido onipotente. Prega a perspectiva interdisciplinar.

Na Semiologia Ativa, sustenta que ela não é uma semiófisis, nem uma semioclastia. É, antes de tudo, uma semiotropia, porquanto trata e imita o signo, procurando compreendê-lo. O seu objeto são os Textos do Imaginário, como significantes, que, com diferentes gêneros, percorrem a territorialidade do cotidiano.

Diante disso, Barthes (1996, p. 41) afirma a sua concepção de Semiologia, com a ênfase de uma explicitude, com uma abordagem relativizadora. Ela é o “curso de operações ao longo do qual é possível – quiçá almejado – usar o signo, como um véu pintado, ou, ainda, uma ficção”.

Portanto, a Semiologia parece ganhar uma concepção barthesiana, com alguns traços que esboçam a sua tessitura. Possui a hegemonia do signifiante em relação ao significado. A conotação é mais importante do que a denotação. O signo é decodificado, como uma produção social e histórica. É, ao mesmo tempo, lingüístico e translingüístico, em sua dupla face.

3 Semiologia e cultura

Uma categoria básica no halo teórico barthesiano é a Cultura. Ela se sincretiza na maresia do quotidiano, como as nossas conversas, as nossas leituras, as nossas músicas. Decodificamos, como intertexto, materializando os

nós que unem o evento da linguagem ao evento social. Barthes (1975, p. 84) a pormenoriza:

É a Cultura, o conjunto infinito das leituras, das conversas – ainda que sob a forma de fragmentos prematuros e mal compreendidos —, em resumo, o inter-texto, que faz pressão sobre um trabalho e bate à porta, para entrar [...] (BARTHES, 1975, p. 84)

O Intertexto talvez seja a metalinguagem de Barthes mais conseqüente para metaforizar a sua compreensão cultural. Ele (BARTHES, 1975, p. 94) o caracteriza, como “o banco das ‘influências’, das ‘fontes’, das ‘origens’” de uma obra e de um autor. A Cultura, nessa perspectiva, é inseparável dos empreendimentos linguageiros em geral, e da produção discursiva, em particular. A questão do Discurso pode tornar-se essencial, como um dos significantes da dialética cultural.

Barthes (1994, p. 9) categoriza o Discurso com a reivindicação do zelo do resgate etimológico. Anota que “discursus é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”. É um transitar obsessivo pelos signos. Também observa (2003a), num sentido de Mallarmé, que é uma divagação, que revela e encobre.

O semiólogo (1988, p. 101) propõe dois tipos básicos de Discurso, por intermédio de suas relações com o Poder:

[...] Nas sociedades atuais, a mais simples divisão de linguagens incide sobre a relação como Poder. Há linguagens, que se anunciam, se desenvolvem, se marcam na luz (ou na sombra) do Poder, dos seus múltiplos aparelhos estatais, institucionais, ideológicos, chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Encráticos. E, de outro lado, há linguagens, que se elaboram, se procuram, se armam fora do Poder e/ou contra ele, chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Acráticos [...]

O Poder ganha explicitude como diferencial nas tipologias discursivas. Barthes (1996, p. 10-12) o categoriza, como “Libido dominandi”. Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política. É uma invariância na existência humana através da simbiose entre dominação e prazer.

O semiólogo propõe, sem um apuro filosófico, um elo interdisciplinar com a Psicanálise, criada por Freud, sem a devida explicitude. Metaforiza o Poder, tornando-o análogo à categoria Libido, que, em seu desenho biológico e cultural, é constituinte dos processos do Inconsciente.

Ainda que invariante, a Libido se particulariza como energia prazerosa, em diferentes fases. Passa pela oral, anal e fálica durante a primeira infância. Possui constância, supratemporalidade e supra-espacialidade. Tal qual acontece com o Poder, que é imutável no curso da história, porém se singulariza em cada conjuntura.

Logo, as categorias de Discurso, Poder e Cultura parecem estar umbilicalmente associadas. Compartilham os vértices, que permitem os diálogos entre as questões sociais com as subjetivas. Apresentam a essencialidade do todo, em suas relações e interrelações, na perspectiva da importância da conotação.

4 Cultura Barthesiana

No curso de quase três décadas de produção bibliográfica, podemos observar no Discurso barthesiano, na pluralidade de sua obra, algumas marcas indeléveis. São os seus signos invariantes, que podem se reproduzir nas diferentes páginas, tecidas a partir de *O grau zero da escrita* (2000), o seu primeiro livro, e podendo ter uma síntese, com *Aula*. Vamos sublinhar os Signos Objeto, Teórico e Metodológico, que, talvez, possam compor o Código de Cientificidade da obra do semiólogo.

O Signo Objeto traz o que moveu e agenciou os seus estudos. Possui a Linguagem como tema, o Signo como assunto, com uma delimitação precisa: as questões discursivas. Tal triunvirato pode abraçar, em sua particularidade, a perspectiva de um todo, através dos diálogos entre a Língua e a Fala.

A dialogicidade parece se pronunciar pela Denotação, responsável pelo universo lingüístico, e pela Conotação, pelo universo translingüístico. Na concepção de Barthes, a Conotação tem a hegemonia. É onde “[...] vibra o

social [...]” (2003a, p, 98), fazendo do signo uma realização da sociedade humana, onde melhor se ouve as vozes da Fala.

Também na indissociabilidade entre Significante e Significado como elementos constituintes da síntese semiológica, existe um primado. O Significado é a aparência, o Imaginário, em seu desenho ilusório. É da ordem da Consciência. Tal qual a Conotação, o Significante pode representar a essência. Tem relação com o Simbólico. É da ordem do Inconsciente.

Temos, no Signo Objeto, a Linguagem como uma predileção temática, a Discursividade, em especial a midiática, como o agenciamento do assunto, e as questões semiológicas, como um recorte exemplar. As hegemonias da Conotação e do Significante especificam os tons da abordagem. O signo é compreendido como uma realidade lingüística e translingüística, sendo inseparável de sua fisionomia social e histórica. Compreendê-lo pode ser a disponibilidade de conviver com a sua relatividade.

O Signo Teórico se manifesta pela produção de categorias, como conceitos classificatórios concebidos pelo autor. Barthes, pela sua longevidade bibliográfica, apresenta uma diversidade substantiva. Vamos delimitá-la em algumas já referidas, como os casos de Discurso, Poder e Cultura.

O Discurso possui uma concepção de movimento. É um cultivo de certeza e de incerteza. Apresenta a fixação específica. É uma representação que carrega e é carregada pelas questões de verossimilhança. Possui elementos lingüísticos e translingüísticos, onde se articula a relatividade dos signos.

O Poder parece, de alguma forma, sintetizar a engenhosidade criativa do semiólogo, ao categorizar. Sem vizinhar com o sentido e o Socioleto – característica discursiva grupal, conforme Barthes (1988) —, consegue, admiravelmente, desestabilizá-lo de um mecanicismo de liquidação. Não é um empreendimento encastelado no escaninho político. É mais do que isso. Envolve e é um problema da subjetividade humana. Por isso, o seu vértice com a Psicanálise se viabiliza, com pertinência.

A dominação não tem gratuidade. Não está outorgada, como uma função, que varia entre a miopia e a cegueira. Está conectada à tomada da compensação prazerosa. Pode se particularizar sob as formas de Sadismo e de Masoquismo, mesmo que não explicitadas pelo autor.

Na concepção de Cultura, observamos uma percepção também multifacetada. Ela é uma prática linguageira, que não se esgota na dimensão lingüística. Abrange, como Intertexto, uma dimensão social, que parece se esmiuçar, igualmente, em uma abordagem psicanalítica. Condensa, em seu silêncio, as noções de Alteridade e de Identificação.

Os Signos Objeto e Teórico podem ter uma síntese no Signo Metodológico. Ainda que, para alguns, Barthes é visto somente como um estruturalista, tal percepção tem um cunho de equívoco. Como também outros se perdem na superficialidade, quando o olham como um ex-estruturalista.

O semiólogo nunca deixou de ser estruturalista, mas não é apenas isso. Mesmo que tenha, inicialmente, sofrido as influências de Saussure (1959), e tenha caminhado com uma postura funcional do signo. A sua trajetória estabeleceu a ruptura com uma concepção de Estruturalismo, não com o Estruturalismo. Isso é fruto de diversas obras, mas se materializa, com explicitude, no texto *Aula*. Aí, talvez, surja a concepção mais luminar da Semiologia barthesiana.

Na sua Cultura, há uma herança bem nítida, sobretudo de alguns teóricos. Já referimos Saussure (1959), pela configuração de um Estruturalismo, de extração positivista, mas existem outros. São os casos de Marx (1983), pela perspectiva materialista de compreender a História, de Bakhtin (1988), pelo sentido social da linguagem, de Althusser (1985), valorizando a produção ideológica, de Freud (1997) e de Lacan (1998), pela relevância da subjetividade.

Tais influências, talvez ganhem corpo por intermédio de uma abordagem específica. É a crítica ideológica, que traz os sinais das leituras da Escola de Frankfurt, sobretudo, de Adorno e de Horkheimer (1987). Toda essa diversi-

dade de diálogos ainda comporta uma influência decisiva, que legenda o que podemos nomear de epistemologia de Barthes.

Desamparado de uma perspectiva filosófica, o semiólogo ampliou a territorialidade dos signos. Condensou-o em uma abordagem estrutural, materialista e psicanalítica. A matriz da compreensão deste conhecimento e de suas conseqüentes práticas foi Lévi-Strauss (1996), que dinamizou o Estruturalismo, com as categorias da Dialética, de Marx, e de Freud, sobre o Inconsciente.

Barthes é um estruturalista, porém é mais do que isso. Personifica uma perspectiva Dialética, através de Marx, Althusser, Bakhtin, Adorno e Horkheimer, bem como de alguns textos dialéticos de Freud e de Lacan. A simbiose entre Estruturalismo e Dialética pode ter ganho expressão, com a Escola de Frankfurt, mas se materializou, sobremaneira, na década de 1960, do século XX, com um nome: Dialética Histórico-Estrutural (DHE). Singularizou as possibilidades e potencialidades interdisciplinares de tentar agarrar o todo, compatibilizando o Estruturalismo com o Marxismo e com a Psicanálise.

A DHE compatibiliza os princípios de movimento, próprio da Dialética, e a invariância, própria do Estruturalismo. Tal articulação se notabilizou, sobretudo, com as produções de Lévi-Strauss, na Antropologia, e Althusser, na Filosofia, entre outros autores relevantes.

O desejo da DHE não é dispor de resposta para tudo. Não busca, também, o debate reticente, que sai do nada, e não leva a lugar nenhum. Interessam-lhe as condições objetivas e as condições subjetivas que compõem a complexidade da realidade, em suas dimensões históricas e sociais.

A estrutura são as condições objetivas. É o que está posto, o palco social e histórico, em seu sentido hegemônico, encontrado pelo sujeito. A sua possibilidade de intervenção, de transformar ou não o instituído na realidade, significam as condições subjetivas.

A sociedade é o cenário, onde, com complexidade, se relacionam as condições objetivas e condições subjetivas. Neste sentido, a Ciência pulsa, tam-

bém, nos atos e cenas da vida. Não aliena a Política. Ela não deixa de ser Política. No horizonte da DHE, a História é uma estrutura dinâmica. Rege-se pelo princípio da Unidade dos Contrários, um todo, polarizado, com complexidades conflituosas, permanentes em relação.

Demo (1990) sustenta que a DHE não é objetivista, nem idealista. Ela faz confluír as condições objetivas e subjetivas, sem absolutizar uma ou outra, descortinando-as no ambiente do fenômeno histórico. Ele (DEMO, p. 142) empreende, ainda, uma exemplar metalinguagem, que consegue perfilar a DHE em seus traços epistemológicos:

[...] Morar no infinito da provisoriidade, esgueirar-se na profundidade do passageiro, compreender a intensidade dos momentos, é a lógica da falta da lógica, onde pulsa a vida, estruturalmente, dinâmica; dinamicamente, estrutural. Só o que passa fica. Sobretudo, é profundo. Esta lógica ilógica não é a falta de lógica, mas vida como lógica.

A questão não é promover um torneio de metodologia. Todas são produções históricas. Encontram-se habitadas pelo espectro de suas próprias relativizações. Cada uma tem relevância, dependendo das características e do enfoque propostos. A opção por uma ou por outra não é a definição da melhor na amplitude da generalidade, mas a melhor para a circunstancialidade. Significa a eleição daquela que possui uma sintonia fina com os teóricos, com o objeto e os objetivos propostos.

Barthes partiu do Estruturalismo funcionalista, mas se reciclou. Procurou estabelecer as relações entre o lingüístico com o translingüístico, grifado por uma abordagem dialética. As categorias de Poder e Mito são ilustrativas. Legendam a perspectiva barthesiana de agarrar o translingüístico, através da interdisciplinaridade, sustentada pela âncora da Dialética.

A ruptura de Barthes com o Estruturalismo funcionalista fez-lhe encontrar a Dialética. Ela passou a ser traduzida nas suas categorias e na sua concepção de Semiologia. Tal encontro pode receber plurais nomenclaturas, mas é, em essência, a DHE, que o melhor caracteriza.

A opção pelo método parece ser relevante. Singulariza uma forma de conceber e de produzir o conhecimento. Sumaria as práticas do pesquisador, codificando os seus deveres e os seus direitos. Inscreve a perspectiva de um fazer não como um vôo cego, porém um fazer em diálogo com o saber, ou seja, um saber-fazer. É um pré-requisito básico para a prática da cientificidade, onde o conhecimento e o autoconhecimento são faces da mesma moeda.

Portanto, para compreendermos a Cultura barthesiana, procuramos transitar pelos seus Signos Objeto, Teórico e Metodológico, que se explicitam e têm implicitude em suas produções discursivas. Tal passeio, feito às expensas das categorias do próprio semiólogo, revelou-nos as dimensões lingüísticas e translingüísticas que tecem a Semiologia de Barthes, que se orquestra e se afina com uma linhagem epistemológica plural, que possui a sua síntese do seu Código de Cientificidade, através da singularidade das práticas da DHE. Nesse sentido, parece revelar aptidões teóricas e metodológicas para compreender os sentidos das práticas midiáticas em suas expressões impressas e eletrônicas.

Roland Barthes: semiology and culture

ABSTRACT

His beautiful text, carved by the digital mark of its uniqueness, makes Roland Barthes a paradigmatic theoretical personality. He granted a statute to Semiology, as he provided it with a particular object of research. He tuned it in to the increasing influence of the Media that occurred mainly, in the second half of the 20th century. Barthes' Semiology is full of particular features. It does not fit strictly into the linguistic frame. It calls for other frames. It seeks the translinguistic aspects. In this landscape, the role of the Media turns into an object of his semiological research. In the diagram of its limitations, the present essay will be conducted towards the relationships between Barthes' Semiology and the Media. It will reflect on some basic categories that establish a symbiotal relationship between them.

KEYWORDS: Discourse. Semiology. Culture.

Roland Barthes: semiologia y cultura

RESUMEN

Dueño de un bello texto, lapidado por la marca digital de su singularidad, Roland Barthes es una personalidad teórica paradigmática. Concedió un estatuto a la Semiología, dándole un objeto particular de pesquisa. La ha sintonizado con la influencia creciente de la Media, ocurrida, sobretudo, en la segunda mitad del siglo XX. La Semiología, de Barthes, es poblada por trazos particulares. No se empareja en el escaño lingüístico. Reivindica otros contornos. Persigue lo translingüístico. En ese paisaje, el papel de la Media se da como objeto de sus pesquisas semiológicas. En el diagrama de sus limitaciones, el presente ensayo se agenciará en las relaciones entre la Semiología barthesiana y la Media. Reflejará sobre algunas categorías básicas, que las sinbiotizan.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Semiología. Cultura.

Referências

- ADORNO, Theodor ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento - fragmentos filosóficos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2.ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1988.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.
- _____. **Elementos de semiologia**. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- _____. **Escritores, intelectuais, professores e outros e ensaios**. Lisboa: Presença, 1975.
- _____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 13. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984.
- _____. **O grau zero da escrita**. 2000.
- _____. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.
- _____. **O Rumor da lingua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. (O Seminário, 11)

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas).

SAUSSURE, Ferdinand. **Course in general linguistics**. Nova Iorque: The Philosophical Library, 1959.

Roberto Ramos

*Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação
da Faculdade dos Meios de Comunicação
(FAMECOS/PUCRS)
E-mail: rr@puers.br*